

CARTOGRAFIAS DO LIMIAR: PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE UM ARQUITETO E URBANISTA ERRANTE

GUSTAVO DE OLIVEIRA NUNES¹;
CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹ Mestrando em Educação na UFPel – gustavohnunes@msn.com

² Professora PPGE FAE, Doutora em Educação – cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão trata do caminhar pela cidade. Tem por objetivo experimentar a errância (JACQUES, 2014) como um processo de formação do arquiteto e urbanista. Justifica-se pelo fato de que os atuais modos de constituição do sujeito estão, usualmente, presos às demandas do Estado e do capital, que prescrevem condutas para viver e atuar no meio urbano (FOUCAULT, 1979). Assim, questiona-se: como é possível, a partir do caminhar pela borda da cidade, um processo de subjetivação do referido profissional que fuja das necessidades estatais e mercadológicas?

Partindo de um percurso cartográfico, na perspectiva das filosofias da diferença de Deleuze e Guattari (1995), caminhou-se pelos limiares do mapa de Pelotas com um grupo multidisciplinar de dezoito estudantes, por lugares em que o traçado urbano, preferencialmente na sua forma cartesiana, é rompido. Nesse experimento, um diário foi escrito a partir de notas realizadas durante a caminhada. A fim de produzir variados sentidos à experiência, estudou-se acerca da prática do caminhar por um viés artístico, filosófico e científico. Tais estudos são matérias a serem cruzadas com o relato pulsante do diário de bordo, num exercício de indissociabilidade entre teoria e prática, afirmando-se um território de conhecimento a partir de uma experimentação intensiva da cidade.

2. METODOLOGIA

O método da pesquisa é qualitativo, na perspectiva cartográfica (DELEUZE; GUATTARI, 1995; ROLNIK, 2014). Nesse prisma, foge-se de um eixo genético para pesquisar, ou seja, não se busca a origem de algo ou o seu fim, pois as coisas pertencem a um incessante processo em que forças se movimentam para produzir sentido ao vivido. Dessa forma, tem-se a criação de um mapa, composto por um plano extensivo e outro intensivo. O primeiro trata daquilo considerado como o já dito, o já visto, ou seja, os trajetos histórico-mundiais significados por um saber. O segundo trata das forças que colocam uma vida, um pensamento, obras de arte, conceitos filosóficos ou teorias científicas em movimento, criando outras formas de ver e de dizer o mundo (DELEUZE, 2005).

No plano extensivo da pesquisa, foi feita uma caminhada errática pelas bordas da cidade de Pelotas. Realizada por um grupo formado em decorrência do seminário *Explor-ações urbanas: errar no limiar*, ofertado no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas¹. Nele, caminhou-se às quartas-feiras, do dia 17 de agosto de 2016 a 1º de março de 2017, percorrendo-se o perímetro urbano em oito trechos diferentes. Em meio à experiência, foram criados mapas dos movimentos e trajetos, bem com um diário de bordo foi escrito.

¹ Seminário ministrado pela Profª. Dra. Emanuela di Felice, pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel.

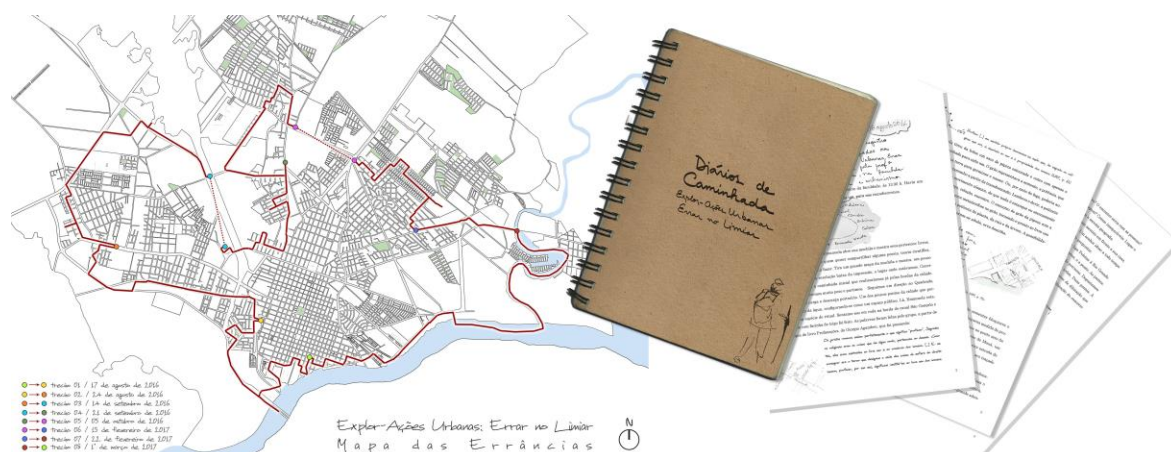


Figura 1 Mapa Explor-ações urbanas (à esquerda) e diário de bordo (à direita).
Fonte: Gustavo Nunes, 2017.

Além das caminhadas, compondo ainda o plano extensivo, estudou-se o caminhar em três distintas áreas do conhecimento, nomeadas por Deleuze e Guattari (2010) de caóides. São elas: arte, ciência e filosofia. Na arte, encontrou-se com Francis Alÿs (2006), artista belga radicado no México desde 1986, que caminhou repetidas vezes pelas ruas da capital mexicana, destruídas por um terremoto em 1985. Na tentativa de dialogar com seu contexto urbano caótico e apreendê-lo, acabou produzindo variadas formas de expressão para a experiência, tais como desenhos, pinturas, performances e vídeo-arte.

Na filosofia, acompanhou-se Friedrich Nietzsche em suas caminhadas próximas aos penhascos à beira mar de Sorrento ou pelas montanhas em Sils Maria. Nelas, buscava um pensar liberto das amarras da razão e próximo ao corpo. Tal exercício foi considerado por ele um momento de grande saúde, possibilitado pela força do pensamento em relação ao movimento da caminhada. Na ciência, percorreu-se a história do urbanismo, os modos como foi constituída a formação do arquiteto e urbanista até as torções em tal pensamento provenientes da ideia de um caminhar como prática estética, apontadas pelo arquiteto italiano Francesco Careri (2013).

O plano intensivo da pesquisa surge a partir das forças que atravessaram o corpo do arquiteto errante quando em deslocamento pelas bordas da cidade, apreendidas no diário de bordo. Este funciona como instrumento para coleta de dados e implica a subjetividade daquele que escreve. O movimento analítico da pesquisa emerge, então, a partir do cruzamento dos dois planos. Assim, os saberes teóricos reunidos no primeiro plano são convocados para produzir novos sentidos e saberes para a formação do arquiteto que erra pelas bordas da cidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa trata de um modo de constituição do arquiteto e urbanista que caminha de forma errática² para entrar em relação com as forças da borda³ urbana e, dessa forma, produzir singularidades em meio a elas, afetando e se

² Para Jacques (2014), as errâncias são experiências de apreensão e investigação do espaço urbano pelo corpo, contadas a partir de pequenas narrativas. Ainda segundo a autora, “essas narrativas errantes são narrativas menores, são micronarrativas diante das grandes narrativas modernas; elas enfatizam as questões da experiência, do corpo e da alteridade na cidade e, assim, reafirmam a enorme potência da vida coletiva” (ibidem, p. 28).

³ A borda urbana refere-se aos limites geográficos e políticos da cidade, bem como aos lugares em que o traçado urbano em sua forma cartesiana é rompido.

deixando afetar pelos acontecimentos aí desencadeados. Ocupando-se do diário de bordo, colocam-se novas questões: o que tal ação tem a ensinar para um profissional em formação? Que signos emergem a partir da prática da errância pela cidade não cartesiana e como isso produz subjetivação?

Para Deleuze (2005; 2016), um processo de subjetivação é produzido por três dispositivos: saber, poder e subjetividade. No primeiro deles, os saberes são responsáveis pelos modos de ver e dizer de toda uma formação histórica, que condiciona o visível e o enunciável. Dessa maneira, o ponto de vista a partir do qual o arquiteto olha para a cidade está situado dentro da cidade histórica (CARERI, 2013). Assim, todo fenômeno que rompe sua estrutura, organizada geralmente de forma cartesiana, é visto como caótico, sendo preciso intervir, curar, pôr ordem, dar qualidade (idem).

A partir do estudo da formação do arquiteto e urbanista, pode-se afirmar que este, ao operar seu saber sobre a cidade, age ora como um compositor de belas formas (VITRUVIUS, 2007), ora enquanto projetista que utiliza a razão para pensá-la (INEP, 2010), ora à maneira de um profissional utópico, que a pensa voltada a um ideal de futuro (CORBUSIER, 1993). Todavia, as relações de saber se modificam na medida em que encontram relações de poder que estão para além de seu regime de significação.

Quando isso acontece, o pensamento se movimenta para criar novos sentidos ao mundo, como o que ocorreu com Francis Alÿs. Formado em arquitetura na Bélgica, foi trabalhar nas obras de reconstrução da capital do México, destruída por um terremoto. Mediante o caos urbano, seus saberes não dão conta de entender as novas relações de poder que proliferam no centro da cidade, como o comércio informal, e por isso realiza repetidas caminhadas para apreender tais acontecimentos. Com a prática, acaba por se singularizar de outra maneira, tornando-se artista. Na mesma perspectiva, durante o seminário *Explorações urbanas*, buscou-se encontrar com tais forças que vazam a estrutura da cidade, na tentativa de criar outras maneiras de olhá-la e expressá-la. Porém, quais forças são essas e como ocorre tal processo?

Um exemplo pode ser o evento ocorrido logo no início das explorações, quando o grupo se deparou com uma família em pleno ato de ocupação de um espaço de terra nas bordas da cidade. Ao serem abordados pelos alunos que cursavam o seminário, um dos habitantes autodenominado Prefeito disse-lhes de sua surpresa por haver pessoas olhando para ele, pois “geralmente ninguém o olhava. As pessoas tinham desenvolvido o mau olhado, ou seja, tinham perdido a capacidade de olhar para as coisas”⁴. Além disso, ao ocupar o lugar, “batalhariam por um pedaço de chão nesse mundo”⁵.

Tal encontro atesta certa invisibilidade daqueles que estão na margem da sociedade, geralmente habitando as bordas urbanas. Invisíveis aos olhos acostumados a perceber apenas a estrutura urbana consolidada, produzem movimentos no pensamento do arquiteto e urbanista, que não sabe como agir em tais situações. Isso ocorre devido à sua formação, que tem privilegiado uma aproximação da cidade através da planificação do mapa, usado geralmente pelo Estado e capital para controlar os fluxos urbanos, como os projetos de planejamento regional e mobilidade. Assim, ao distanciar o corpo daquilo que acontece na cidade, seu saber não dá conta de apreender as forças do presente, que estão sempre em movimento. O diário tem sido, então, um instrumento de captura de tais intensidades da cidade, ou seja, aquilo que acontece e não está

⁴ Fragmento extraído do diário de bordo, do dia 24 de agosto de 2016.

⁵ Idem.

significado pelos saberes que constituem a profissão. Aqui, essas forças são consideradas matéria do pensamento. Tal processo inventa um outro tipo de arquiteto e urbanista, que caminha para pensar a cidade, constituindo assim um outro território de formação. À maneira de Nietzsche, que registrava em pequenos cadernos os pensamentos que lhe ocorriam durante as caminhadas (NIETZSCHE *apud* GROS, 2010), durante as errâncias, “pegamos ruas sem saída, fizemos retornos, inscrevemos na pele o espaço⁶”, pois se “os meios de se conhecer a cidade limitam-se a processos racionais, fica-se sem saber o que acontece no espaço em sua intensidade”⁷.

4. CONCLUSÕES

No percurso errático realizado, pode-se afirmar uma outra forma de apreender e aprender com a cidade. Se o arquiteto tem sido ora um compositor de belas formas, ora o idealizador de um urbanismo utópico, a prática da errância possibilita um processo de subjetivação desse profissional em relação com as forças do presente, como aquelas encontradas nas bordas da cidade e citadas anteriormente.

Na experimentação realizada, aprende-se que se trata menos de transformar a cidade, mas de se transformar com a cidade, acolhendo os signos que afloram em espaços de invisibilidade e que, usualmente, fogem à forma cartesiana de organizá-la, sendo excluídos das demandas do Estado e do capital. Assim, na medida em que se coloca o corpo e o pensamento em encontro com forças que fogem aos saberes consolidados da profissão, como os relativos ao controle do espaço viabilizado pela planificação do mapa, abrem-se possibilidades de pensar a cidade a partir de seus acontecimentos.

Nesse movimento, afirma-se o caminhar enquanto uma atitude ética (ROLNIK, 2014) que permite ao arquiteto e urbanista singularizar-se em meio à imanência do presente que se expressa nos limiares da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALÿS, Francis; MEDINA, Cuauhtémoc; DISERENS, Corinne. **Diez cuadras alrededor del estudio**. México: Antiguo Colegio de San Ildefonso, 2006.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**. São Paulo: G.Gilli, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. **Dois regimes de loucos**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. 2. v.1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- _____. **O que é a filosofia**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GROS, Frédéric. **Caminhar: uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Trajetória e estado da arte da formação em engenharia, arquitetura e agronomia**. Brasília: Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, 2010.
- JACQUES, Paola B. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

⁶ Fragmento extraído do diário de bordo, do dia 14 de setembro de 2016.

⁷ Idem.